

Uma conceção inovadora de escola – a importância do serviço a uma região

ANA MARIA BETTENCOURT

ani.bettencourt@netcabo.pt

Professora emérita do Instituto Politécnico de Setúbal, aposentada desde 2013

Resumo

Este artigo representa essencialmente um testemunho pessoal sobre a criação e o desenvolvimento da Escola Superior de Educação de Setúbal (ESE), desde a sua instalação em 1985 até ao regresso da autora à direção nos anos 1990. Nele podemos ler um entrelaçado de memórias, reflexões e críticas, recordando os ideais originais das ESEs — combater o insucesso escolar, valorizar a formação de professores e promover a ligação à comunidade — e apontando as dificuldades enfrentadas, como a falta de apoio político e o desvio do projeto inicial. Destacam-se a inovação pedagógica, o envolvimento com a região e a aposta numa escola como recurso cultural e educativo. No final, a autora deixa sugestões para o futuro, defendendo a interdisciplinaridade, a investigação aplicada às escolas, as atividades interculturais e novos projetos ligados a desafios sociais atuais.

Introdução

A escrita deste texto suscitou-me pensamentos contraditórios, desde logo o prazer de rever aquele tempo de descoberta de Setúbal, tempo de encontros com tanta gente bonita, colegas, funcionários, estudantes que fizeram a escola onde sempre que posso regresso. Mas também a

Abstract

This article essentially represents a personal account of the creation and development of the Setúbal School of Education (ESE), from its inception in 1985 until the author's return as director in the 1990s. It offers a blend of memories, reflections, and critiques, recalling the original ideals of the ESEs—combating academic failure, valuing teacher training, and fostering community ties—and highlighting the challenges faced, such as lack of political support and deviation from the initial plan. Highlights include pedagogical innovation, engagement with the region, and a focus on the school as a cultural and educational resource. Finally, the author offers suggestions for the future, advocating interdisciplinary, research applied to schools, intercultural activities, and new projects addressing current social challenges

tristeza, ao pensar na “orfandade política” do projeto das Escolas Superiores de Educação (ESEs) e, como consequência, no “desvio” que sofreram relativamente ao que era em grande parte a razão da sua existência: a prevenção do insucesso e abandono escolares e a concretização efetiva de uma educação de qualidade para todos.

Para este artigo valeram-me memórias, notas pessoais, pastas do computador, bem como artigos em papel agora digitalizados. Alguns desses documentos foram transcritos em parte para este artigo com a grafia de então. Eram tempos em que a ação contava mais do que a escrita e foram muitos os projetos realizados ao longo de 40 anos de que não é possível encontrar rasto escrito.

De antemão desculpo-me por citações menos precisas ou por não conseguir sequer citar textos manuscritos ou fotocópias que fui encontrando no armário.

Tentei dar conta de um trabalho que considero pioneiro em vários aspetos. Não tenho a pretensão de fazer a história da ESE. Foram muitos os projetos notáveis, sobre os quais penso que outras pessoas irão escrever.

Uma escola ao serviço da região

No início de 1985 tomei posse como presidente da Comissão Instaladora da ESE de Setúbal, na qual tive a felicidade de contar com Maria Emília Brederode Santos e Teresa Torres Martins. Faltam-me dados para referir docentes e professoras, funcionários e funcionárias que

fizeram a escola nos primeiros tempos e para lhes prestar a devida homenagem. Não consegui recuperar essa informação sem incorrer em grave risco de ser injusta por omissão. Foram vários os nossos estudantes e estudantes da Faculdade de Ciências¹, meus e da Maria Emília Brederode Santos, os diplomados de mestrado destinados a outras ESEs, os colegas de trabalho dos anos que se seguiram ao 25 de abril e muitos docentes e professoras do distrito de Setúbal que vieram a concorrer e foram integrando o corpo docente. Não posso esquecer os funcionários e funcionárias e entre eles as e os jovens estagiários. Guardo com ternura um documento com fotografias das pessoas que estavam na ESE em 1987, infelizmente muitas gastas pelo tempo e sem nomes, o que torna difícil o reconhecimento

A ESE teve sempre no seu corpo docente elementos que conheciam muito bem os concelhos do Distrito de Setúbal. Com eles, com as iniciativas da ESE consagradas aos Estudos Locais e também com os colegas do Barreiro, com todo o seu conhecimento das tradições e lutas operárias, foi possível termos outro olhar sobre a região.

O texto está organizado em duas partes: a instalação da ESE e o meu regresso, eleita pela escola em 1996, assim como algumas sugestões.

¹ Instituição onde tínhamos lecionado.

A história da ESE começa no início de 1985. Na intervenção que proferi na minha tomada de posse (o texto escrito à mão reencontrado agora tinha ficado esquecido) lembrava como razões da importância da ESE a urgência do desenvolvimento da educação infantil; a insuficiente cobertura da educação básica e a necessidade de a melhorar através da formação inicial e contínua de docentes, bem como do contributo da investigação, a profissionalização de docentes, a educação de adultos. Defendia a necessidade de desenvolver o projeto em coerência com o plano para as Escolas Superiores de Educação (ESEs) e uma estratégia integrada e transdisciplinar para o seu desenvolvimento. Por fim exprimia o desejo de que a escola não fosse sentida a nível de Setúbal, como “o projeto que vem de Lisboa, mas sim como um recurso educativo e cultural correspondendo aos anseios e às necessidades da região”.

Em 1987 fui afastada da Direção por protestar contra medidas orçamentais que iriam adiar a construção do edifício da ESE. Tive a solidariedade da escola e regressei no final do ano seguinte como professora. Mais tarde, entre 1996 e 1999, desempenhei funções de presidente do primeiro conselho diretivo eleito.

Primeira fase: inspirações, heranças e desenvolvimento

Estávamos em 1985, tinham passado 10 anos sobre o 25 de Abril. Com Maria Emília Brederode Santos tinha vivido a experiência de ensino na Faculdade de Ciências de Lisboa em contexto de efervescência e questionamento sobre métodos de organização do ensino, de avaliação, de formação de docentes. Experiência que nos tinha permitido trabalhar com estudantes agora colegas. Em 1982, defendi uma tese de doutoramento sobre as inovações desenvolvidas na sequência da revolução de 1975, designadamente as promotoras da ligação da escola ao meio e ao mundo do trabalho. O acompanhamento de projetos nessa linha e o conhecimento de inovações desenvolvidas com a mesma orientação noutros países europeus faziam-me crer que algumas das práticas desenvolvidas a seguir ao 25 de abril eram motivadoras para os estudantes e permitiriam contrariar processos de abandono e insucesso escolares.

Tinha sido particularmente marcante acompanhar a experiência do ensino unificado, na área de Educação Cívica Politécnica. O apelo à interdisciplinaridade, ao trabalho de projeto, a uma educação centrada no aluno, a uma nova relação com o saber e com a sociedade, as ex-

periências de trabalho como elemento para a construção de uma identidade vocacional já então eram defendidas.

Refiro agora este tempo e estas experiências, porque me permitiram fazer aprendizagens de algum modo transportadas para a ESE. Em projetos como o CIMA (Compreender e Intervir no Mundo Atual) ou o Petra (Educação para o trabalho/integração), sobre os quais seria importante escrever, podem ser observadas preocupações trazidas daqueles tempos, mas que continuam atuais.

Mesmo quando por várias vezes desempenhei outras funções, era ali “a minha casa”, o lugar onde gostava de trabalhar e voltar sempre.

Ser professora foi o maior orgulho da minha vida

À distância destes 40 anos vejo a Pedagogia Institucional como inspiração em várias estratégias praticadas na ESE. Daria como exemplo: a participação e a reflexão dos seus docentes sobre o processo de construção institucional, que pode ter constituído um cimento do projeto, defendido em momentos difíceis; os instrumentos para uma formação reflexiva utilizados na profissionalização em serviço – por exemplo estratégias de autoanálise das aprendizagens que os formandos realizavam –, projetos de intervenção nas escolas em que exerciam e onde

decorria o essencial da sua formação. Estes instrumentos foram transportados mais tarde para algumas disciplinas da formação inicial. Nesta área foram seguidas em algumas áreas de trabalho práticas reflexivas e de intervenção, sendo de salientar a realização pelos estudantes do primeiro ano da ESE da disciplina de Introdução à Educação, de estudos sobre a suas dimensões estética e cultural bem como o desenvolvimento de projetos de intervenção.

Pessoalmente e no âmbito da formação pedagógica, apostei, como forma de combater atitudes de fatalismo, na importância do desenvolvimento da capacidade de identificar as “instituições” internas das escolas, por exemplo o tempo e os espaços sobre os quais é possível intervir.

A formação reflexiva foi uma orientação seguida em vários momentos, e espaços curriculares.

O Movimento da Escola Moderna foi igualmente uma inspiração para muitos dos trabalhos realizados ao longo destes anos pela ESE, designadamente nos estágios ou ainda em projetos de investigação-ação conduzidos em escolas de ensino básico (casos designadamente de Vialonga e Poceirão).

O projeto das ESEs como herança essencial

Quando começa a ser instalada, a Escola herda não só os objetivos definidos no Programa Preliminar das Escolas Superiores de Educação, mas também as indefinições, expectativas e resistências que já o rodeavam.

O Programa Preliminar, editado em 1978, estabelece a matriz para o desenvolvimento das ESEs que teriam funções de formação, investigação e apoio em diferentes níveis de ensino, visando designadamente estabelecer a continuidade pedagógica e uma ligação da formação teórica à prática bem como uma formação baseada em áreas interdisciplinares.

O conhecimento deste documento é essencial para a compreensão da ESE de Setúbal.

Um planeamento coerente

O planeamento das ESEs, coordenado por Maria José Rau, foi rodeado de cuidados não muito frequentes em Portugal: a partir de um programa pedagógico foram planeados os edifi-

cios, a aquisição de equipamentos e os cursos de especialização para os seus docentes. ² (Bettencourt, 1988)

Sucediu a Maria José Rau na preparação dos mestrados e organização da seleção dos docentes que haviam de integrar as ESEs.

Resistências e heranças

A seguir ao 25 de Abril tinham sido criadas e/ou extintas estruturas dedicadas à formação de docentes e gestão da inovação. Estes processos terão estado na origem de alguma desconfiança com que as ESEs foram recebidas, designadamente no tocante ao facto de substituírem as Escolas do Magistério Primário.

A orfandade política do projeto

A coerência do planeamento defendida por Maria José Rau foi progressivamente abandonada dando origem a uma gestão de cariz mais político e com influência de instâncias regionais. Houve por exemplo a nomeação de algumas comissões instaladoras, recaindo em pessoas que não conhecendo os traços essenciais do projeto, designadamente os objetivos de intervenção regional e de apoio às escolas de ensino básico, importaram acriticamente modelos universitários tradicionais.

Os docentes recrutados e formados para o desenvolvimento dos projetos foram por vezes confrontados com responsáveis que não tinham compreendido a missão do projeto, designadamente no papel que poderia ter na investigação e formação para a melhoria da qualidade do ensino e promoção da educação para todos. O ideal conservador universitário tinha então grande influência. (Bettencourt, 1988)

Houve porventura por parte de algumas ESEs inabilidade no trabalho com as escolas da sua região o que dificultou o seu reconhecimento como entidades formadoras. Os centros de formação encontraram aí razão para a sua criação o que veio mais tarde a retirar às ESEs uma parte da sua dimensão inovadora, essencial à melhoria da qualidade do ensino., que era uma das principais razões de ser.

A tutela do ensino superior de que dependiam as ESEs revelou-se (então e ao longo destes 40 anos) incapaz de articular estas instituições com as necessidades de apoio ao desenvolvimento educativo.

A dependência dos docentes do ensino politécnico, que pretendiam realizar doutoramentos, de projetos de investigação em desenvolvimento nas universidades constituiu ao longo dos anos um obstáculo à produção de conhecimento sobre práticas educativas, organização das

aprendizagens e sobre estratégias visando a melhoria da educação.

Fazer existir a escola que não estava prevista

A ESE de Setúbal seria a última da rede nacional a ser criada. Não existindo na região uma Escola do Magistério Primário foi considerado de menor urgência criar aí uma nova escola (terá existido da parte do Banco Mundial, financiador do empréstimo para a concretização do projeto, pressão para reduzir o número de Escolas de Magistério Primário existentes, seria, portanto, difícil justificar uma nova escola). Assim, em 1985, quando tomámos posse, a escola não tinha edifício, nem equipamentos, nem tão pouco uma equipa docente, como acontecia com quase todas as outras para as quais tinham sido seleccionadas equipas de docentes que obtiveram diplomas de mestrado em Boston ou Bordéus .

A partir do projeto nacional, com as suas indefinições e ambiguidades, havia que fazer existir uma escola adaptada a uma região com muitos problemas e carências em matéria de acesso ao ensino superior (desde a primeira notícia da nomeação da comissão instaladora nos jornais, que jovens e pais nos perguntavam quase diariamente quando abririam os pri-

meiros cursos — só cerca de metade dos estudantes que terminavam o 12º ano no distrito conseguiam um lugar no ensino superior). (Bettencourt, 1988)

Criar uma equipa

Encontrar uma equipa de docentes para começar a “definição da instituição” e simultaneamente responder a ações que nos foram acauteladas desde o início, como a profissionalização em serviço, ou ainda dar resposta a pedidos de apoio às escolas, foram prioridades assumidas.

A sorte bafejou-nos ao conseguirmos ter connosco desde o início docentes com prestígio, alguns dos quais nos apoiaram também no conhecimento da região. Muito importante foi igualmente o recrutamento de colegas das equipas formadas e destinadas a outras ESEs. Como referido anteriormente serei incapaz de citar aqui os que fizeram a escola e a quem muito devo pelo apoio em tempos difíceis.

Um recrutamento original

O recrutamento de pessoal docente obedeceu a uma estratégia própria e pouco habitual:

Uma das estratégias responsável por uma maior adesão ao

projeto à medida que ele se ia desenvolvendo terá sido a forma de recrutamento dos docentes, inovadora, mas em choque com o que defendiam os sindicatos. Tradicionalmente nestes concursos a antiguidade e classificações obtidos na formação inicial pesam mais do que a qualidade dos projetos desenvolvidos pela pessoa. Nos nossos concursos pedíamos aos candidatos que apresentassem uma proposta pedagógica para ser desenvolvido na ESSE. Este processo permitia testar a capacidade de compreensão do nosso projeto e de o enriquecer com novas propostas. A discussão do trabalho apresentado constituía também uma oportunidade de clarificar as funções da Escola e de negociar com a pessoa candidata o seu papel futuro na instituição. (Bettencourt, 1988)

A justificação tinha a ver com o projeto institucional que queríamos desenvolver:

Considerávamos indispensável planificar de forma integrada as diferentes funções do projeto. Esquecer qualquer destas funções constituía para nós uma traição imperdoável ao projeto inicial. Esta atitude exigiu por vezes um esforço de nego-

ciação com a tutela, que embora não tendo explicitado alterações ao projeto inicial das ESEs não valorizava as ações desenvolvidas no domínio da formação contínua e apoio às escolas do distrito. (Bettencourt, 1988)

Uma estrutura matricial

A preocupação de garantir que a ESE cumpriria as suas múltiplas funções esteve na base da criação de uma estrutura matricial composta por um lado por núcleos científicos que eram à partida de natureza transdisciplinar e, por outro lado, por projetos que garantiriam a existência das diferentes funções assumidas pela escola. Cada professor deveria estar associado a um núcleo e a pelo menos um projeto, de que são exemplo: o levantamento de necessidades educativas e recursos da região; a avaliação da ESE; a formação inicial; a formação em serviço; a formação contínua; projetos relacionados com a educação para os media em que a ESE foi pioneira e se veio a afirmar. O Centro de Recursos foi, ao longo dos anos, um elemento pioneiro no desenvolvimento destes projetos e na formação de natureza transdisciplinar. Desde muito cedo a ESE destacou-se em áreas ligadas ao uso do computador e da televisão.

A formação contínua e o conhecimento do Distrito

A escola foi solicitada desde cedo para apoio a iniciativas das escolas, a que só conseguíamos atender parcialmente, dada a grande dispersão geográfica do Distrito de Setúbal. Foram estudadas estratégias que deveriam contribuir para o desenvolvimento de um plano de desenvolvimento nesta área tais como: análise de necessidades educativas da região, conduzido por Lucília Salgado, produção de materiais de apoio em várias áreas, estudo de redes e ofertas de formação existentes. Este estudo deu origem mais tarde à criação de Polos organizados por Rui D'Éspinay que teve aí uma ação de significativo alcance projetando a ESE em muitas escolas do primeiro ciclo.

O levantamento de necessidades e recursos educativos da região foi essencial para a inserção da escola no meio e para se identificarem prioridades e estratégias para a ação da Escola. Estávamos num distrito rico em movimentos associativos e culturais, onde apesar dos equipamentos educativos serem extremamente deficientes, as escolas apresentam um dinamismo pedagógico que seria essencial apoiar. (Bettencourt, 1988)

Criar um edifício

Depois de algumas sugestões para se repetir em Setúbal projetos de

arquitetura já construídos para outras ESEs, a nossa proposta recaiu sobre Siza Vieira. Queríamos o melhor para Setúbal, distrito então muito encarado como uma periferia pobre de Lisboa.

O contrato de arquitetura foi conseguido em tempo record. Nunca esquecerei, porém, as longas horas passadas nos corredores do Ministério da Educação para conseguir a sua aprovação, nem as dificuldades por que passávamos em cada uma das diferentes fases do projeto, nas quais Teresa Martins teve um papel de persuasão importante. Também não esquecerei o entusiasmo ao receber um subscrito da Holanda enviado por Siza Vieira com o primeiro esboço do nosso edifício. Esse esboço passaria daí por diante a figurar em quase todas as capas das nossas publicações. Em vários momentos as reuniões entre os arquitetos e os docentes em que se discutiam as funções e características dos espaços eram momentos importantes de criação da instituição. (Bettencourt, 1988)

Construir um projeto

A conceção da ESE obedeceu a uma lógica toda ela distinta das outras:

Considerámos a Escola como objeto de estudo. Sentíamos-nos responsáveis por prestar contas dos recursos que nos tinham

sido confiados, face ao projeto nacional e à região.

A partilha das responsabilidades nem sempre era fácil, em virtude do modo diferente como inevitavelmente observávamos a instituição (o ponto de vista global de Escola ou o ponto de vista de um dos seus projetos, por exemplo), ou ainda devido ao facto de discordarmos de soluções que nos pareciam por vezes contraditórias com orientações assumidas para o projeto das ESEs. Debatí-me muitas vezes com o dilema da definição dos limites da minha intervenção: "Como integrar a criatividade das pessoas, dos grupos e dos projetos (processo essencial à democratização da instituição) num desenvolvimento coerente? Como manter o entusiasmo pelo projeto num país em que as pessoas tinham cada vez menos entusiasmo para investir na melhoria da educação? Pessoalmente assumi sempre que tinha legitimidade para defender as linhas essenciais de desenvolvimento do projeto em situações que me pareciam comprometé-lo". Essas análises originavam por vezes novas soluções e contribuíam para aumentar o empenhamento das pessoas no projeto e o conhecimento mútuo. (Bettencourt, 1988)

Linhas orientadoras para definir um caminho

A definição de linhas orientadoras para a escola obedeceu à ideia de criar uma linguagem e pensamento de referência, coerente com o projeto das ESE e com aquela escola, naquela região. “Um novo recurso ao serviço da região” foi assim que designámos a brochura que continha essas orientações cuja redação ficou a cargo de Maria Emília Brederode Santos. Foi um passo importante que permitiu ter uma base consensual de trabalho. Fazer da ESE um contexto educativo, não perder de vista a região e o desenvolvimento das crianças faziam parte dos objetivos então definidos.

A profissionalização em serviço: uma resposta de emergência

Havia então grande carência de docentes e um número elevado sem formação que tinha sido colocado nas escolas básicas.

Depois de no primeiro ano termos trabalhado com cerca de três dezenas de docentes, fomos confrontadas no ano seguinte com cerca de quatro centenas colocados nas escolas do distrito para uma formação em dois anos. Felizmente foi possível uma negociação como outras instituições de ensino superior e com a tutela. Na ESE de Setúbal ficaram depois 53 formandos (Barreiro), 65 (Santiago do Cacém) e 122 (Setúbal). Na altura não dispúnhamos de qualquer sala de aula, porque

ainda não tínhamos instalações próprias. Associações como a Capricho Setubalense e outras estruturas foram de grande apoio cedendo-nos instalações. Foi também outra forma de conhecer a cidade.

Esses docentes tinham sido deslocados de todos os distritos do país para serem colocados em escolas onde muitas vezes não existiam as disciplinas em que supostamente seriam profissionalizados (situação frequente nas disciplinas de alemão ou de tecnologias!). A sua dispersão por cerca de cinquenta escolas dificultava a organização de uma coordenação eficaz da formação. O facto de terem vindo ocupar lugares deixados vagos por centenas de docentes efetivos tinha provocado uma sangria de recursos humanos nas escolas do distrito e instabilidade. (ESE de Setúbal, Formação em Serviço. 1986-88, Nov-86).

Esta formação em serviço constituiu um desafio. Através de uma metodologia de análise de necessidades de formação fomos construindo um dispositivo de trabalho que designámos por Descritivo de Práticas Educativas em que as Ciências de Educação desempenhavam um papel relevante como apoio a uma formação reflexiva. Havia a preocu-

pação de centrar a formação nas aprendizagens realizadas pelos estudantes e não apenas em bonitos planos de aula. Houve um esforço de afastamento de práticas conhecidas em que apesar de planos de aulas bem concebidos, não havia disponibilidade para perceber se os estudantes tinham aprendido e que dificuldades tinham encontrado.

Da formação constava ainda um projeto de intervenção acompanhado pela ESE. Os formandos selecionavam um dos problemas identificados pela escola onde trabalhavam e definiam com os docentes da ESE (de Didáticas e de Ciências da Educação) uma estratégia de solução do problema/intervenção, não se tratava de fazer um trabalho teórico, nem para o formador ver, mas de uma intervenção positiva para melhoria do aproveitamento dos estudantes e/ou da qualidade da vida na escola, e/ou da sua ligação ao meio.

Em 1986-87 havia cerca de 20 orientadores no apoio à prática pedagógica e seis responsáveis pelo desenvolvimento curricular. Uma parte desses docentes vieram a integrar por concurso o corpo docente da ESE. (*ESE de Setúbal, Formação em Serviço. 1986-88*).

Segunda fase: o regresso à direção da ESE como presidente do primeiro conselho diretivo eleito

Em finais da década de 1980 tomei posse como professora coordenadora da ESE de Setúbal. Apesar de ter desempenhado funções de deputada eleita por Setúbal entre 1991 e 1995, nunca deixei de estar associada a projetos e à vida na ESE. Em 1996 apresentei com um grupo de colegas um projeto para a direção da ESE tendo sido eleita presidente do primeiro conselho diretivo resultante de eleições, de que fizeram parte Nelson Matias e Fátima Mendes.

Não serei capaz de fazer a história desses tempos, lembrarei tão só algumas ações pedindo que os colegas de caminhada me desculpem pelas omissões.

A equipa de Direção tinha a consciência do muito a fazer. Na análise então apresentada, destacávamos pontos positivos que, considero hoje, têm feito parte do ADN da ESE ao longo dos anos.

Escrevíamos então: “*A ESE construiu ao longo dos últimos dez anos um clima e uma identidade que importa valorizar como base para a criação de um projeto para os próximos anos*”, era referido “*o clima acolhedor e amigável vivido a nível dos docentes, estudantes e funcionários não-docentes, para o que contribui seguramente a qualidade*

humana e o respeito mútuo dos que nela trabalham bem como a existência de um espaço físico esteticamente bonito, repousante e favorável à criatividade”, bem como “a disponibilidade para uma ligação a novos espaços, consubstanciada nos projectos de cooperação com África e nos projectos europeus”, “o desenvolvimento de inovações a nível curricular e no domínio da ligação à comunidade: caso das actividades interculturais”. (documento da equipa de direção).

Defendíamos “a promoção de um projecto institucional onde a qualidade da formação se alie à cultura, à participação e à melhoria das condições de trabalho, de estudo e de investigação na ESE”.

Balanço de um triénio: 1996/99

Até 1996, a ESE cresceu em número de estudantes da formação inicial de modo que considerámos então colocar em risco o seu equilíbrio designadamente no plano das instalações e da gestão financeira

Questões colocadas:

- Como valorizar os espaços da ESE?
- Como modernizar as formações designadamente no campo da comunicação, das expressões, do desenvolvimento da capacidade de intervenção?
- Como melhorar as condições de trabalho na escola designadamente ao nível dos espaços e equipamentos?

Valorização dos espaços da escola e condições para estudar

O edifício da ESE apresentava sinais de degradação em vários dos seus espaços (por exemplo o anfiteatro, os corredores) e havia na comunidade educativa grande desconhecimento do seu valor arquitetónico. As plantas, contendo desenhos de Siza Vieira, apresentavam uma organização caótica. Os espaços de trabalho para os estudantes na escola eram reduzidos e foi decidido habilitar para esse fim outros espaços. Havia também que valorizar e equipar o Centro de Recursos, ação em que o papel de Margarida Graça foi inovador e relevante. Foi decidido proporcionar aos estudantes o empréstimo de equipamentos e condições de trabalho a que a maioria não tinha acesso em casa.

Foram tomadas iniciativas visando a valorização da obra de Siza Vieira que muito nos orgulhava e orgulha. Dez anos antes tínhamos decidido que queríamos o melhor arquiteto para a ESE de Setúbal, desde o início que escola era visitada por grupos de arquitetos de todo o mundo e queríamos que a comunidade educativa reconhecesse o seu valor. Decidimos assim produzir conhecimento sobre o edifício e desenvolver ações para preservar e valorizar o espaço e promover a consciência cívica e estética dos estudantes.

Tivemos um apoio significativo da parte das estudantes Ana Nogueira

e Paula Simas. Os projetos realizados na disciplina de Introdução à Educação orientados para o conhecimento e intervenção na escola nos seus aspetos culturais, educacionais, arquitetónicos tiveram impacto positivo. Ana Nogueira, estudou a obra de Siza Vieira e foi responsável pela organização de itinerários, visitas guiadas e produção de informação. Quantas vezes foi chamada à pressa para vir mostrar a escola a grupos que chegavam da América, do Japão, de vários países europeus que a queriam visitar...

Foi tempo de retomar algumas ações ainda por completar designadamente em matéria de arranjos exteriores, de aquisição de mobiliário desenhado por Siza Vieira, de recuperação e decoração da Casa do Professor.

Relembro algumas decisões difíceis para adaptar o crescimento da escola à capacidade do edifício, por exemplo a interrupção de cursos.

Foram realizadas publicações com edição de Teófilo Duarte, por exemplo cartazes, um desdobrável ou uma Agenda sobre a ESE, visando designadamente divulgar junto dos estudantes o valor patrimonial da escola. Destaque também para o trabalho de Fernando Pinho. São dele as melhores fotografias que conheço da escola.

Iniciativas para a mudança ao nível dos conteúdos e das práticas

Era um período de grande expansão do ensino superior e havia exigências trazidas designadamente pelo acesso de novos públicos. Foram identificadas necessidades de reforço de formação inicial ao nível da expressão oral e escrita, da organização da informação, da formação cultural e da capacidade de compreender o mundo.

As preocupações com a transdisciplinaridade, o desenvolvimento de competências e a articulação entre os cursos ganharam forma através da criação de um tronco comum articulado entre os vários cursos.

Entre os projetos desenvolvidos entre 1996-99, destaque para:

- **Encontros de Docentes** destinados a analisar as formações existentes na ESE e construção de um tronco comum baseado designadamente no desenvolvimento de competências transdisciplinares (Encontros em S. Paulo).
- **Espaço cultural à 5ª-feira**, espaço de encontro, cultura e intervenção, um tempo de duas horas semanais em que não havia atividades letivas na escola, dando lugar a atividades culturais não formais, potenciando iniciativas de docentes e estudantes

(espetáculos de teatro, concertos, palestras, cinema,...). Os organizadores de cada iniciativa cuidavam da divulgação e dos públicos.

- **Revitalização das atividades Interculturais**, permitindo aos estudantes do 1º ano, em grupos compostos por estudantes de vários cursos, estudarem uma comunidade do Distrito de Setúbal, passando cerca de uma semana nessas comunidades e apresentarem depois na ESE a pesquisa realizada. A estadia fora da sua residência era novidade para muitos estudantes.
- **Criação de uma cadeira de opção** sobre voluntariado e associativismo.
- **Organização de exposições** visando a sensibilização a temáticas como os Direitos Humanos ou o 25º Aniversário do 25 de Abril, a homenagem a Zeca Afonso realizada em 1997, ou a exposição sobre Siza Vieira realizada em 1996.

Sugestões para o futuro

Aqui chegada penso ser útil deixar algumas sugestões de atividades que continuem a fazer da ESE de Setúbal um pólo de desenvolvimento educativo e não só:

- **Retomar um tronco comum** com uma componente interdisciplinar. O fechamento dos departamentos limita a formação e a boa investigação. A compreensão do mundo exige abertura, uso de massa crítica e a utilização de lentes transdisciplinares. Há cinquenta anos que os programas em Portugal apontam para a necessidade de promover aprendizagens interdisciplinares. Era assim também o Programa das ESEs e da ESE de Setúbal;
- **Recuperar as Atividades Interculturais** que constituíam um excelente meio de promoção de autonomia, responsabilidade, estudo do meio, desenvolvimento da capacidade de intervenção cívica;
- **Dar à investigação especificidade** visando a melhoria do funcionamento das escolas e da educação;
- **Repensar a formação contínua como estratégia de apoio à inovação**. As escolas defrontam-se cada vez mais com problemas que exigem estudo e apoio à implementação de mudanças, por exemplo estratégias para aperfeiçoamento da aprendizagem do Português Língua Não Materna ou para a compreensão e apoio à gestão dos écrans pelas famílias e escolas.

- **Apoio a novos problemas**, como o apoio educativo aos idosos ou a educação antirracista, intercultural e digital.

Referências Bibliográficas

- Bettencourt, AM, (2002), Formação de Docentes em Portugal, Missões e Desafios, Revista Teias, Faculdade de Educação - Universidade do Rio de Janeiro, nº6
- Bettencourt, AM; (2001), Rui Grácio e as Inovações Pedagógicas do 25 de Abril, in Inovação, vol. 14, nº 1-2
- Bettencourt, A.M., (1988), *O Primeiro Ciclo da Vida de uma Escola: Dois Modos de Encarar a Solidariedade Institucional*, Alter Ego, nº5
- Bettencourt, AM (2016) A educação como causa para a vida in Contornos de um caminho dedicado à educação, Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação
- Bettencourt, AM, (2021), A Pandemia, A Pedagogia e o Futuro, Estado da Educação 2020, CNE
- Bettencourt AM; Matias, N; Mendes, F; (1999), Um Projecto em Desenvolvimento, Cadernos da ESE
- Bettencourt, AM, (1986), *Análise da Construção de uma Escola Superior de Educação*, in As Ciências da Educação e a Formação de Docentes Comunicações do Colóquio de 2, 3, 4 de dezembro de 1986, GEP, Ministério da Educação.
- Bettencourt, AM., (1985), *Politique et Plans Intégrés de Formation de Personnels de L'Éducation au Portugal*, comunicação realizada no colóquio com o mesmo título, realizado na UNESCO, Paris, abril de 1985, pg. 50 e 51.
- Bettencourt, A.M. (1980), *Formação e Profissionalização de Docentes*, Diário de Notícias, Suplemento de Educação, 12/3/80

Nota biográfica

A carreira profissional de Ana Maria Bettencourt, como técnica e como professora do ensino superior politécnico foi, em grande parte, consagrada ao estudo, lançamento e acompanhamento de inovações educativas, à formação de professores e à política educativa, designadamente a problemáticas relacionadas com a melhoria das aprendizagens, à luta contra a exclusão educativa, à educação para a cidadania. Dedicou grande parte da sua atividade à intervenção cívica e política, nomeadamente no domínio da educação, ensino superior e direitos das mulheres. Foi Presidente da primeira comissão instaladora da Escola Superior de Educação de Setúbal e, mais tarde, Presidente do Conselho Directivo e do Conselho Científico. Foi assessora para os assuntos da educação na Casa Civil do Presidente da República nos mandatos do Presidente Jorge Sampaio. Foi Deputada à Assembleia da República eleita pelo Círculo de Setúbal. Foi também Presidente do Conselho Nacional de Educação (CNE) entre 2009 e 2013. É atualmente membro do Conselho Geral do Instituto Politécnico de Setúbal. Nos últimos anos tem-se dedicado a atividades de pedagogia da biodiversidade.